

A IMPASSIBILIDADE DA MATÉRIA NO TRATADO III.6 DE PLOTINO [The impassibility of sensible matter in the Plotinus treatise III.6]

Robert Brenner Barreto da SILVA

Professor de Filosofia (UECE).

Doutor em Filosofia (UFC).

E-mail: robert.brenner@uece.br

Resumo

A natureza da matéria dos sensíveis de Plotino tem demandado cuidadosa atenção por parte dos intérpretes do pensamento do filósofo neoplatônico. Na medida em que ela é conceituada como não-ser e como mal, é intrigante definir qual é o seu estatuto teórico assim como, de certa forma, pode-se considerar ser também o caso do Uno. Entretanto, enquanto o Uno está para além do ser, a matéria está aquém do ser. No escopo dessas formulações sobre a matéria, a perspectiva deste trabalho é propor uma leitura imanente ao tratado III.6, com o intuito de defender a centralidade da impassibilidade como recurso para compreender o supracitado conceito.

Palavras-chave

Plotino. Enéada. Matéria. Impassibilidade.

Abstract

The nature of Plotinus' sensible matter has demanded careful attention from the interpreters of the Neoplatonic philosopher's thought. Insofar as it is conceptualized as non-being and evil, it is intriguing to define its theoretical status as, in a way, someone could say the same of the One. However, while the One is beyond being, matter is below being. Within the scope of these formulations on the matter, the perspective of this work is to propose an immanent reading of treatise III.6, in order to defend the centrality of impassibility as a resource to understand the aforementioned concept.

Keywords

Plotinus. Ennead. Matter. Impassibility.



INTRODUÇÃO¹

Plotino, ao investigar a impassibilidade dos incorpóreos, o que enseja o título dado por Porfírio a este tratado em análise², irá inquirir a natureza daquilo que não sofre alteração substantiva ao entrar em contato com o que quer seja. Ou seja, aquilo que permanece impassível, em sua natureza, no que diz respeito a possíveis interferências ontológicas promovidas por relações de causa e efeito. Ou, simplesmente, considerando o sentido contrário: é passível aquilo que pode sofrer determinações advindas de outrem. O inteligível sofre afecções do sensível? A matéria se modifica ao receber os Inteligíveis?

LEITURA DO TRATADO III.6

Desde logo, não se deve assumir como incorpóreo apenas o inteligível, haja vista a matéria ser também, a princípio, pressuposta como destituída de corporeidade. Qual é a diferença existente entre inteligível, alma, corpo e matéria? No escopo dessas questões, interessa aprimorar a compreensão acerca do conceito de matéria dos sensíveis Plotiniana, haja vista o filósofo apresentar uma concepção de matéria do inteligível também³. Para que tais desdobramentos teóricos sejam atingidos, a leitura irá respeitar a ordem expositiva do tratado III.6:

Na matéria, porém, não está apenas a faculdade desiderativa, mas também a de nutrição, crescimento e geração, que é raiz e princípio da forma desiderativa e afectiva. Em nenhuma forma deve estar presente um desconcerto ou uma afecção em geral, mas a forma mesma deve permanecer imutável, ao passo que a matéria dessa forma deve ser afectada, quando quer que aconteça, enquanto a forma a move por sua presença (PLOTINO, III.6[26] 4, 32-38, trad. BARACAT, 2006).

A proposição inicial de que, por eliminação, concorreria à matéria o poder ser

¹ Este trabalho é resultado parcial de uma das seções da pesquisa de doutorado do autor, a qual se encontra no repositório da Universidade Federal do Ceará.

² SILVA, 2020, p. 249: “A citação das *Enéadas* de Plotino (do grego “ennéa”), seis conjuntos de nove tratados, conforme editadas e organizadas por seu discípulo Porfírio, segue a citação clássica (Cf. ROSSETI, 2006, p.177) em que através da sucessão dos algarismos romanos e indo-arábicos, respectivamente se assinala o grupo de *Enéadas* (I a VI), a posição sistemática do tratado no grupo (1 a 9), a ordem cronológica (1 a 54), capítulo e intervalo entre linhas”.

³ FERNANDES, 2010, p.626: “No tratado (II.4) Plotino menciona a existência de dois tipos de matéria, a divina ou inteligível (hýlê theîa, II. 4.5.15; hýlê noêté, II. 4.5.24) – [...] ou a sensível [...]”.



alterada e sofrer movimento, é colocada em análise. A essência una daquilo que é inteligível, para conservar seu estatuto, precisa ser invariável para tornar possível o variável. Mas, e em relação à matéria? Plotino argumenta que embora matéria e inteligível sejam distintos e, portanto, não possam ser, pelas mesmas razões, impassíveis, não se deve descartar a impassibilidade no domínio material:

Foi dito que se deve considerar a essência inteligível, a que pertence toda ela à ordem da forma, como impassível. Mas, uma vez que também a matéria é uma das coisas incorpóreas, ainda que o seja de outro modo, deve-se investigar também a seu respeito, de modo que ela é, caso seja passível, como se diz, modificável de acordo com todas as coisas, ou se também ela deve ser concebida como impassível e qual é o modo de sua impassibilidade (PLOTINO, III.6[26] 6, 1-7, trad. BARACAT, 2006).

A passibilidade, isto é, a capacidade de um ente, em última instância, ter sua *quididade* posta em xeque por outro ente é apresentada por Plotino como associada à carência. Tendo em vista que o inteligível não é carente, ele deve necessariamente ser impassível. Não obstante a essa inferência, seguindo o mesmo raciocínio, a matéria ou deveria ser considerada impassível e não carente ou carente e passível, como ela seria carente e impassível? O predicado da carência atribuído a passibilidade deve ser debatido:

Primeiro, porém, é preciso que nós, que abordamos esse tema e falamos acerca da natureza da matéria, entendamos que a natureza do ente e a essência e o ser não são tal como pensa a maioria. Com efeito, o ente, o que verdadeiramente se pode chamar ente, é ente realmente; e isso é o que é completamente ente; isto é, aquilo em que nada se afasta do ser. Uma vez que o ente é perfeitamente, não precisa de nada para conservar-se e para ser, mas ele é causa de que as demais coisas, as que parecem, pareçam ser. Com efeito, se tais coisas são ditas corretamente, é necessário que o ente seja em vida e em vida perfeita; caso contrário, se fosse carente, não seria mais ente do que não-ente. Isso é o intelecto e a total sabedoria. Logo, ao mesmo tempo em que está determinado e delimitado, não há nada que o ente não seja por sua potência, nem por uma potência desse tipo; porque seria deficiente. E por isso lhe corresponde a eternidade, a invariabilidade e a irreceptividade em relação a tudo, e nada se insere nele; pois, se admitisse algo, admitiria algo distinto de si: e isso é não-ente (PLOTINO, III.6[26] 6, 8-22, trad. BARACAT, 2006).

A quem argumente que o ser é inteligível e que, por conseguinte, cabe à matéria e aos corpos o não-ser e a passibilidade, resta ainda ter que lidar com a perplexidade de considerar o que é tangível como inexistente e o que é intangível como existente. Não obstante não revelarem o conhecimento *em si*, elas – as experiências sensíveis - são imagens daquilo que propicia o conhecimento *em si*. É recomendável ao menos se pensar em uma alternativa:



E como pode a natureza dos corpos ser não existente? Como pode ser não existente a matéria sobre a qual se sustentam os corpos, as montanhas, as rochas e a terra toda, que é sólida? E também todas aquelas coisas que são resistentes e que com seus golpes forçam as coisas golpeadas a reconhecer sua realidade? Se, então, alguém dissesse: 'como podem ser entes e entes reais as coisas que bem pressionam, nem forçam, nem são resistentes, são nem em absoluto invisíveis, como a alma e o intelecto? E, com efeito, no caso dos corpos, como pode ser mais ente que a terra, que estável, aquele corpo que se move mais e pesa menos do que ela? Como o pode ser aquele que está desse? E como o pode ser o próprio fogo, que já a ponto de escapar da natureza corpórea?' (PLOTINO, III.6[26] 6, 32-42, trad. BARACAT, 2006).

O cosmos sensível deve sua complexa natureza ao conjunto de realidades tangíveis que ele abriga, no que se poderia incluir as leis naturais, os fenômenos, as rochas, pedras e montanhas, para utilizar as palavras de Plotino, bem como toda a biodiversidade presente na terra. Ao apelar para o que há de mais concreto, o filósofo desafia os fundamentos teóricos que seriam capazes de sustentar esse tipo de asserção, a saber: o de que por serem existentes os inteligíveis, devem inexistir os sensíveis. Nessa perspectiva, ainda que se supusesse o estatuto da matéria como associado ao não-ser, este não poderia ser pensado no sentido existencial:

Contudo, Plotino esclarece que a matéria é não-ente não como o movimento é não-ente em relação ao repouso, se remetendo ao Sofista de Platão; mas como o não ente absoluto, ou seja, como a máxima oposição ao Ente em si, o Intelecto e o inteligível. Diz Plotino que trata-se do verdadeiramente não-ente (ἀληθινως μὴ ὄν), simulacro e aparência de massa (εἶδωλον καὶ φάντασμα ὄγκου) (cf. III 6 [26], 7, 12-20). (GOMES, 2019, p.122)

O pressuposto é de que a matéria existe, apesar de ser amorfa. Desta feita, esse suposto sentido "absoluto" atribuído ao não-ser que configura metafisicamente a matéria, recebe tal tratamento nesse contexto por provável uso alegórico. Como esclarece o próprio intérprete, se a referida descrição fosse rigorosa, a matéria teria de inexistir⁴.

No contexto da análise da passibilidade, a qual se supõe estar relacionada ao corpo e à matéria, mas jamais ao intelecto, Plotino instrui o passo metodológico de perscrutar o conceito mais basilar de matéria, qual seja: o de substrato ou receptáculo. Se partirmos desse princípio, será possível compreender que matéria, corpo e compostos corpóreos são instâncias metafísicas distintas, embora estejam associados a um mesmo quadro teórico-

⁴ GOMES, 2019, p.122: "Aqui, Plotino parece esbarrar em um problema de difícil solução, uma vez que o não-ser ou o não-ente absoluto, desde Parmênides e mesmo no Sofista de Platão, necessariamente não existe e, portanto, não é. Conforme será apresentado na sequência, parece que Plotino associa a matéria ao não-ser absoluto de modo ainda alegórico, já que ela não possui nada do que reflete, tal como um espelho, apesar de ser 'algo' capaz de 'refletir'."



cosmológico.

Em função de a matéria ser cognitivamente anterior ao composto corpóreo, deve-se entender que a passibilidade faz sentido quando se delimita os contornos de um corpo, mas a matéria é pura abstração e indeterminação, se desassociada dos corpos. Por conseguinte, nesse nível da reflexão, é prudente investigar se é possível pensar a matéria como impassível:

Entretanto, é preciso voltar à matéria subjacente ou às coisas que se diz que estão sobre a matéria, pelas quais se conhecerá tanto o não-ser da matéria quanto sua impassibilidade. Pois bem, a matéria é incorpórea, uma vez que o corpo é posterior e composto, e ela mesma com outra coisa forma o corpo. Pois foi assim que ela obteve o mesmo adjetivo - incorpórea que possui o ente: porque ambos tanto o ente quanto a matéria, são distintos dos corpos. Porém, como a matéria não é nem alma, nem intelecto, nem vida, nem forma, nem razão, nem limite - pois é ilimitude -, nem potência - pois o que ela reproduz? (PLOTINO, III.6[26] 7, 1-10, trad. BARACAT, 2006).

Do fato da matéria receber uma série de qualidades e conteúdos cósmicos parece absurdo aceitar que ela própria pudesse permanecer impassível a tudo. Doravante, será fundamental aprofundar a análise sobre de que maneira se comunicam matéria e corpo, especialmente se for confirmada a sua impassibilidade:

Se é a matéria quem recebe em si calores e frios e outras mil e inumeráveis qualidades em geral, se ela é diferenciada por elas e as tem como congênicas e mescladas umas com as outras, pois não estão separadas individualmente, como é que, ao serem afectadas as qualidades umas pelas outras em sua mescla de umas com outras, ela mesma, isolada no meio, não compartilha também ela das afecções? A não ser, então, que ela seja considerada algo totalmente exterior às qualidades. Tudo o que está em um substrato está presente a esse substrato de tal modo lhe transmite algo de si mesmo (PLOTINO, III.6[26] 8, 12-20, trad. BARACAT, 2006).

O recurso teórico inserido por Plotino para confrontar a tese de que é contraditório para a matéria ter qualidades e não ser afetada por elas é o da “contrariedade”. Para todo ser, pode-se pensar em um não-ser. Para todo bem, pode-se cogitar seu respectivo mal. Para o impassível, há o passível e vice-versa. Entretanto, a matéria é positivamente algo a ser negado ou a sua afirmação consiste em não se apropriar de nada? Se o último caso for verdadeiro, não compete à matéria entrar sequer nessa correlação de conceitos, sendo impassível não por oposição a nada, porém por ser este o seu estatuto. Ou seja, o fato de que ela não toma para si nenhuma configuração específica, sendo passível a qualquer conformação:



Dessa forma, as coisas para as quais não existe contrariedade não podem ser afectadas por nenhum contrário, portanto é necessário que, se algo for afectado, não seja matéria, mas um composto ou, de modo geral, muitas coisas juntas. Mas o "solitário e deserto" das demais coisas, o absolutamente simples, seria impassível a todas as coisas, permanecendo isolado de todas as que atuam em outras: assim como se, em uma mesma casa, há pessoas golpeando-se umas às outras, a casa e o ar que há nela permanecem impassíveis. E concluamos que, quando as coisas se juntam sobre a matéria, atuam umas nas outras todas aquelas que são por naturezas capazes de atuar, mas a matéria mesma permanece impassível com muito mais razão do que todas as qualidades que, estando nela, não podem ser afectadas umas pelas outras por não serem contrárias (PLOTINO, III.6[26] 9, 31-45, trad. BARACAT, 2006).

O problema de inocular a passibilidade à matéria se mostra quando o raciocínio revela uma contradição em termos, quais sejam: se a matéria possui uma definição aberta para receber toda sorte de qualidades, ao restringi-la a determinado universo de predicados cosmológicos, está-se, na verdade, por identificá-la ou reduzi-la às qualificações que recebe. Nesse sentido, se a matéria for alterável, ela deixa de ser matéria, não sendo possível ao próprio cosmos possuir uma diversidade de entes sem que haja substrato.

Dessa forma, a definição de matéria ou substrato consiste em não possuir qualidades e determinações, mas em tornar a convivência delas possível no âmbito dos compostos corpóreos, os quais, por sua vez, estão vinculados ao cosmos. A respeito do estatuto da matéria e o aspecto da impassibilidade, Plotino disserta:

[...] assim, se a matéria deve existir, como existia desde o princípio, dessa forma é preciso que ela seja sempre a mesma; assim, dizer que a matéria se altera equivale a renunciar a preservá-la como matéria. E, então, se em geral tudo o que se altera deve alterar-se permanecendo em identidade de forma e deve alterar-se acidentalmente, não em si mesmo; se o que se altera deve permanecer e o que permanece não é o que é afectado, segue-se necessariamente uma das duas coisas: ou a matéria sai de si mesma ou altera-se, ou, se não sai de si mesma, não se altera. E se alguém disser que não se altera enquanto matéria, em primeiro lugar não saberá dizer enquanto a que se alterará; (PLOTINO, III.6[26] 10, 12-22, trad. BARACAT, 2006).

É necessário ainda adotar uma segunda linha de leitura para o problema. Aproximar os conceitos de forma e matéria no que concerne a serem impassíveis em relação à sua própria essência. Por regra esses conceitos são vistos até como opostos e entre eles se pressupõe não haver nada em comum. Porém, por razões diferentes, eles são impassíveis:

[...] em segundo lugar, com isso mesmo reconhecerá que a matéria mesma não se modifica. Pois, assim como às outras coisas, sendo formas, não lhes é possível alterarem-se em sua essência, uma vez que sua essência



consiste nisso, do mesmo modo, uma vez que o ser da matéria consiste em ser enquanto matéria, não é possível que a matéria se altere em relação ao que ela é, mas deve permanecer e, como no caso anterior a forma mesma era inalterável, assim também neste caso a matéria mesma deve ser inalterável (PLOTINO, III.6[26] 10, 22-30, trad. BARACAT, 2006).

Como foi mencionada, a comunicação entre matéria e forma ou matéria e entes de um modo geral precisa ser esclarecida. Em que medida esses conceitos se misturam e, havendo esse profundo diálogo, até que ponto eles se separam e o que conservam de si próprios no contexto dessa suposta separação. Plotino introduz o conceito de participação platônica para por em xeque uma espécie de senso comum:

Por isso, com efeito, creio que Platão, pensando desse modo, disse corretamente que 'as coisas que entram e saem são cópias dos entes', e não disse em vão que entram e saem, mas desejando que nós as compreendêssemos examinando o modo de participação, e é possível que essa dificuldade de como a matéria participa das formas não seja a que a maioria de nossos antecessores pensaram: como elas entram nela, mas, antes como estão nela (PLOTINO, III.6[26] 11,1-9, trad. BARACAT, 2006).

Ao dialogar operativamente com a forma, na condição de cooperadora passiva e persuadida pela ordem inteligível⁵, a matéria não altera em absoluto o seu estatuto ontológico. Pois, ao receber as qualidades e os conteúdos cósmicos, não se transforma em sua natureza, mas tão somente as serve na condição de substrato. O que lhe é exterior funciona como adorno ou como arranjo cosmológico, o que, em termos de compostos corpóreos, se desagrega e se redireciona para outras configurações metafísicas pela conveniência da própria organização física:

Todavia, para a matéria, não há acréscimo nenhum em sua constituição, advenha-lhe o que quer seja: pois ela não se torna o que é quando essa coisa lhe advém, nem há diminuição quando a coisa sai: ela permanece o que era desde o princípio. Para as coisas que precisam de adorno e ordem, haveria necessidade de serem adornadas, e o adorno poderia dar-se sem transformação, como aqueles a quem revestimos (PLOTINO, III.6[26] 11,16-22, trad. BARACAT, 2006).

Entretanto, se por um lado a participação abre possibilidade de interpretar a comunicação de conceitos como matéria e forma, a implicação desse entrelaçamento resulta também na apreciação do seguinte problema: como associar matéria, mal e feio, se

⁵ Em linha com o diálogo Timeu (52 a, trad. LOPES, 2012) de Platão: "De facto, a geração deste mundo resulta de uma mistura engendrada por uma combinação de Necessidade e Intellecto. Mas, como o Intellecto dominava a Necessidade, persuadindo-a a orientar para o melhor a maioria das coisas deventes, foi deste modo (através da cedência da Necessidade a uma persuasão racional) que o universo foi constituído desde a sua origem".



houver em suas definições a admissão de que participam do bem? Se for possível à matéria participar da Forma, a inferência lógica é que ela não pode ser classificada nem como mal nem como feio. Plotino parece sugerir na passagem anterior que há um tipo de relação participativa entre matéria e forma, mas quais são as implicações de se admitir essa correlação?

[...] mas se alguém fosse adornado de tal modo que o adorno lhe fosse conatural, seria preciso que se alterasse aquilo que antes era feio e que aquilo que foi adornado, tornando-se outro, se transformasse de feio em belo. Portanto, se a matéria, sendo feia, tornou-se bela, aquilo que era antes, o ser feia, já não é mais; dessa forma, ao ser assim adornada, destrói seu ser matéria, sobretudo se não é acidentalmente feia; porém, se é feia de modo a ser a fealdade, sequer participaria do adorno, e se é má de modo a ser o mal, sequer participaria do bem (PLOTINO, III.6[26] 11,22-29, trad. BARACAT, 2006).

O filósofo recorre aos conceitos aristotélicos de acidente e essência, a fim de indagar a natureza da matéria, no que concerne à maneira com que participaria da forma. O sucesso desse empreendimento requer ter bem definidas as premissas provenientes de uma definição preliminar acerca do que é matéria. Saber-se-á qual a indicação mais adequada pelo critério da coerência ou incoerência. Ora, se em essência a matéria for feia e má, no que diz respeito à possibilidade de participar da Forma, seguem-se as respectivas inferências: 1) Ela não poderia participar da Forma, pois, no instante em ocorresse essa comunicação, a matéria deixaria de ser feia.

Uma vez que este atributo é parte da sua essência, ao modificá-lo substancialmente, não estaríamos mais falando da matéria, mas de outra coisa que surgiu ao participar do bem. 2) Sendo a matéria feia em essência, portanto, se houver um sentido em que ela participa do bem, este não pode ser em essência, mas em acidente. Para arrefecer a intercorrência desses dilemas, Plotino arrazoa a necessidade de particularizar o tipo de participação através da qual a matéria interage com o inteligível:

Assim, a participação da matéria ao ser afectada não é tal como pensam, mas de um modo diferente, como se parecesse participar. E talvez seja esse o modo que solva a aporia de como, sendo ela má, poderia aspirar ao bem, porque não destrói o que era na participação; pois, se sua suposta participação é de modo tal que permaneça a mesma sem alterar-se, como dizemos, mas seja sempre o que é, já não é admirável como ela, sendo má, participa. Pois não sai de si mesma, mas, porque é necessário que participe, participa de algum modo enquanto for o que é, mas por ser o que é devido a um modo de participação que a preserva, ela não é danificada em seu ser por aquele que assim lhe dá uma forma, e provavelmente não é menos má



por isso, porque permanece sempre isso que ela é (PLOTINO, III.6[26] 11, 30-42, trad. BARACAT, 2006).

A participação correspondente ao diálogo entre matéria e Forma, por conseguinte, é acidental. A rigor, apenas parece que a matéria participa da Forma, o que indica a conotação não essencial com que interagem. Trata-se, em sentido estrito, de uma disposição da matéria para refletir em sua natureza como substrato aquilo que é espelhado da ordem inteligível. Na esteira dessa discussão, o respectivo estudo elucidada:

Desse modo, a matéria participa da forma sem realmente participar, refletindo sua imagem por sua proximidade e vizinhança (cf. III 6 [26], 14, 22-24). E esse reflexo ou essa projeção, composto da natureza da forma e da capacidade reflexiva da matéria é que produz todos os corpos, o cosmos e toda a natureza sensível. Afinal, se não existisse a matéria, nada (nenhum reflexo passível de atualização) teria vindo à existência; assim como não haveria imagem se não houvesse espelho ou algo semelhante (cf. III 6 [26], 14, 1 -3) (GOMES, 2019, p.125).

Nesse sentido, estabelecida a devida delimitação da aplicação do conceito de participação à matéria, seria possível continuar atribuindo-a o mal. Em verdade, deve-se evitar usar esses termos ao discursar sobre a relação matéria e forma, uma vez que Plotino considera que, em última instância, a matéria não guarda nada da Forma. Torna-se válido entender porque a impassibilidade da matéria está conectada ao mal, enquanto a impassibilidade inteligível remonta ao Bem:

Pois, se participasse realmente do bem e fosse realmente alterada por ele, não seria má por natureza. Assim, se alguém disser que a matéria é má, dirá a verdade se com isso disser que ela é impassível ao bem: e isso é o mesmo que dizer que ela é totalmente impassível (PLOTINO, III.6[26] 11,42-45, trad. BARACAT).

Ao excluir do horizonte a possibilidade de se alterar o estatuto ontológico da matéria, Plotino concede maior ênfase a afirmação do conceito de matéria como substrato impassível. É em função dessa explicação que ele circunstancializa a matéria como mal, na medida em que não é afetada pelo bem. Mas, a matéria não estaria em uma condição especial? Embora não seja objetivamente afetada pelo bem, ela é um dos pilares a partir dos quais o cosmos sensível é estabelecido, sendo que este é a melhor expressão possível do arquétipo inteligível. Nessa acepção, a matéria é inserida no cosmos sem conservar as afecções que recebe, motivo pelo qual a transformação e a passibilidade acontece nos corpos, eles se modificam no devir.

Ele, então, supondo que a matéria com figuras produz as afecções dos corpos inanimados, sem que ela mesma receba esses afectos, mostra a



permanência dela, permitindo-nos inferir que a matéria não recebe afecção sequer por parte das figuras, nem é por elas alterada. Pois talvez alguém diga que ocorre uma alteração nesses corpos que recebem uma figura depois de outra figura, empregando 'alteração' como um homônimo da mudança de figura; mas, uma vez que a matéria não possui nenhuma figura nem magnitude, como alguém poderia dizer, ainda que homonimamente, que qualquer presença de figura seja alteração? (PLOTINO, III.6[26] 12,12-22, trad. BARACAT, 2006).

Por figura pode-se entender extensão. O corpo é extenso e ocupa lugar no espaço cósmico. A matéria, todavia, é o receptáculo das qualidades que fazem do composto corpóreo algo entificável. A figura assumida pela matéria quando ela se configura como corpórea não se confunde com sua ausência intrínseca de espacialidade. Do contrário, seria possível tipificar uma matéria A tão grande que seria maior do que a matéria B cuja extensão é menor. Esse tipo de juízo não é viável justamente pelo caráter impassível da matéria.

Atribuir à matéria a grandeza equivaleria a identificá-la com o corpo, pois é este aquele que é suscetível à passibilidade. Como não é próprio da matéria ser grande ou pequena, é inadequado supor que ela seja passível a essas determinações, as quais, sendo ausentes, indicam o caminho da impassibilidade:

Deve-se dizer ainda que o corpo é de um tamanho determinado e é uma magnitude, mas naquilo que não é magnitude não ocorrem as afecções da magnitude e, de modo geral, tampouco se originam naquilo que não é corpo as afecções do corpo; assim, todos que fazem a matéria passível deve concordar também que ela seja corpo (PLOTINO, III.6[26] 12,52-57, trad. BARACAT, 2006).

O estatuto da matéria como condição de possibilidade para o devir está intimamente atrelado a sua função como receptáculo dos corpos. A potência produtiva inerente ao processo emanativo⁶ se atualiza em uma dinâmica perpétua na medida em que corpos e inteligíveis se associam no *cosmos* tendo por intermédio o substrato, sem o que o “encontro” entre imagem e paradigma jamais poderia acontecer. É por isso que Plotino reivindica seguidamente a distinção entre matéria e corpo:

Contudo, é preciso investigar a causa de que cada matéria não possua sempre a mesma forma, e ela está principalmente nas formas que nela

⁶ RUSSI, 2009, p.171: “The production of sensible objects is an activity that is already particularized and weakened to such an extent that it is not subject to the law of ‘productivity of the perfect’; in fact, it is not a consequence of the perfection of the cause but, rather, simply the necessary condition for the perfect cause to express itself according to its own true nature. This perfect cause, namely providence, expresses itself in the distribution of *τό εἶ εἶναι*, and never *τό εἶναι*, to the products of nature”.



entram. Então, como se diz que ela foge? Ora, por sua própria natureza e sempre: mas que seria isso senão que, como ela jamais sai de si mesma, tem a forma de tal modo que jamais a tem? Caso contrário, não poderão usar o que eles mesmos dizem: "o receptáculo e a nutriz de todo devir". Porque, se ela é receptáculo e nutriz, mas o devir é diferente dela, e o que se altera está no devir, ela seria existente antes do devir e da alteração; e o "receptáculo" e também a "nutriz" indicam que ela continua sendo passível no que é[.] Deve-se dizer ainda que o corpo é de um tamanho determinado e é uma magnitude, mas naquilo que não é magnitude não ocorrem as afecções da magnitude e, de modo geral, tampouco se originam naquilo que não é corpo as afecções do corpo; assim, todos que fazem a matéria passível deve concordar também que ela seja corpo (PLOTINO, III.6[26] 13,7-17, trad. BARACAT, 2006).

O que aparece em um espelho não faz parte do que é espelhado. O que se vê no reflexo é algo outro do que o que ali está projetado. Através dessa analogia, Plotino pretende reforçar que os sensíveis estão associados à matéria e que o que se distorce e se desintegra nesse entrelaçamento não envolve qualquer mudança de natureza, mas apenas a dissolução de um determinado composto para se tornar outro.

Então, se há algo nos espelhos, que assim sejam as coisas sensíveis na matéria; se porém não há, mas parece haver, devemos dizer que também lá as formas parecem estar sobre a matéria, atribuindo a causa dessa aparência à realidade dos entes, da qual os entes sempre participam realmente, mas os não-entes não realmente, uma vez que eles não devem ser tais como seriam se eles mesmos existissem mas não existissem os que realmente existem (PLOTINO, III.6[26]13,49-56, trad. BARACAT, 2006).

O caráter de substrato que torna possível o vir-a-ser dos sensíveis não esvazia a matéria de estatuto cosmológico. O papel positivo que a matéria desempenha na organização de tudo que há tem sido depreciado por muitas interpretações, mas há momentos lapidares nos quais Plotino deixa mais cristalino o valor grandioso da matéria. A ela se atribui a condição *sine qua non* para existência de tudo que há, e como se afirmará em II.9, não terá compreendido a beleza do inteligível quem despreze o sensível:

Quê, então? Se não houvesse matéria, nada teria vindo à existência? Não, nem haveria imagem se não existisse um espelho ou algo do tipo. Porque aquilo que por natureza se origina em outro não poderia se originar se ele não existisse: e isso, o existir em outro, é a natureza da imagem (PLOTINO, III.6[26] 14,1-5, trad. BARACAT, 2006).

A natureza da matéria se constitui pela posição limiar entre espelhar as Formas e não poder ser definida por elas e de possibilitar aos entes serem predicados particulares das Formas. Por isso, entre esses dois conceitos se postula o vir-a-ser ou a potência, que fora bem fundamentada no II.5 *Sobre o que está em potência e o que está em ato*. No



contexto argumentativo da impassibilidade da matéria, Plotino especifica como a natureza dela envolve o recebimento de determinações sem que haja adesão a elas:

Porque, com efeito, não é possível que aquilo que de algum modo existe, mesmo que exista fora do ente, deixe completamente de participar dele - pois a natureza do ente é atuar nos entes -, mas, como o completamente não-ente não se mistura com o ente, dá-se esse fato maravilhoso: como participa sem participar e como, de sua como que vizinhança, recebe algo, embora por sua própria natureza seja incapaz de, por assim dizer, aderir a ele (PLOTINO, III.6[26] 14,18-25, trad. BARACAT, 2006).

Ao aproximar forma e matéria no que tange à impassibilidade e à permanência de seus estatutos, Plotino contraria em parte qualquer leitor não habituado a suas invertidas teóricas. Por isso, nas entrelinhas de boa parte das tensões radicais que se fazem entre os conceitos, deve-se postular entre possíveis extremos um núcleo argumentativo intermédio visado pelo filósofo. De não-ser a matéria passa a ser interpretada também como suporte do devir, o que é um papel eminentemente positivo e não negativo no plano cosmológico:

Agora, a forma aparece porque não foi tragada, ao passo que a matéria permaneceu a mesma, nada tendo recebido, mas contrapondo-se à aproximação como sede repelente e receptáculo dos ingredientes que se encontram em um mesmo ponto e lá se misturam, assim como esses recipientes lisos que aqueles que procuram obter fogo colocam voltados para o sol, preenchendo com água alguns deles para que a chama, impedida pelo elemento contrário no interior deles, não os atravesse, mas seja contida na parte externa. Portanto, esse é o modo como a matéria é causa do devir e como se concentram as coisas nela se concentram (PLOTINO, III.6[26] 14,27-36, trad. BARACAT, 2006).

A indeterminação da matéria, que outrora fora analisada sob a ótica da extensão, tem que ser pensada não apenas fisicamente pela noção de contornos espaciais, mas abstratamente pela ausência de limites. A rigor, portanto, é impossível fixar conteúdo a matéria:

Mas a razão que está sobre a matéria possui outro modo de ser externa. Pois basta-lhe a alteridade de sua natureza, sem que tenha necessidade alguma de dois limites, mas, muito pelo contrário, ela é estranha a todo limite, tendo sua imiscibilidade pela alteridade de sua essência e por nenhum parentesco; e a causa de seu permanecer em si mesma é que aquilo que entra nela não se aufere coisa alguma dela [...] (PLOTINO, III.6[26] 15,6-12, trad. BARACAT, 2006).

Ao passo que a matéria não explica nem o que é verdadeiro nem o que é falso no



que diz respeito aos entes, ele é a “causa”⁷ que torna possível o aparecimento de toda a gama de configurações sensoperceptivas. A debilidade atribuída à matéria pressupõe que ela teria um mau desempenho em relação à expectativa de ser mais ou menos múltipla, portanto qual grau de proximidade ela manteria com o Uno/Bem, mas esses critérios não convêm à definição da matéria. Plotino mesmo qualifica a matéria de débil, mas, sendo ela necessária ao cosmos, não seria absurdo concluir que a matéria cumpre com perfeição sua função conceitual:

A matéria, no entanto - porque ela é muito mais débil do que alma no que diz respeito à potência e não possui nenhum dos entes, nem verdadeiro nem falso, que lhe seja próprio-, não tem algo através do qual apareça, sendo a deserção de todas as coisas, mas torna-se, sim, a causa do aparecer das outras, e não é capaz de dizer sequer ‘eu aqui’, a menos que em algum momento um raciocínio profundo a descubra, à parte das outras coisas que são entes, que ela é algo abandonado por todos os entes, mesmo por aqueles que pareciam ser posteriores a ela, algo que se agarra a todas as coisas e aparentemente as acompanha e, contudo, não acompanha (PLOTINO, III.6[26] 15, 24-34, trad. BARACAT, 2006).

A matéria é ela própria indeterminada, mas é a base sobre a qual ocorre a determinação ou individuação. A devida distinção dessas noções permite não confundir o que é sensível e o que é a matéria do ponto de vista abstrato. Tudo que é sensível é material, mas a matéria não é em si mesma sensível, mas receptáculo de todo vir-a-ser. A matéria representa a interface da potência produtiva do cosmos inteligível no cosmos sensível:

Mas a matéria, sobre a qual a grandeza é obrigada a coestender-se, se oferece completamente inteira e em todas as partes; pois ela é matéria de algo determinado, mas não é algo determinado: e aquilo que não é uma coisa por si mesmo pode inclusive torna-se algo contrário por ação de outra coisa e, tornado contrário, também não é esse contrário: pois se estabilizaria (PLOTINO, III.6[26] 17,35-40, trad. BARACAT, 2006).

A conclusão do tratado é bastante sintética em relação a tudo que foi argumentado. A versão do conceito de matéria apresentado pelo III.6 consiste não apenas no reconhecimento preliminar da matéria como substrato, mas também como impassível, à semelhança do inteligível, em que a capacidade de definição do cosmos, isto é, a possibilidade do vir-a-ser ou do devir provém da matéria. Se fizéssemos uma analogia, poderíamos comparar a essência da matéria a um corpo e julgar se esse corpo muda de

⁷ Recomenda-se ler com advertências qualquer associação da matéria à ideia de “causa”, haja vista que ela é metafisicamente estéril, ou seja, de *per si*, não causa absolutamente nada.



alguma forma quando se veste de tal ou qual maneira. A vestimenta ou adorno é “exterior” ao que seria a essência do estatuto da matéria. É como Plotino explana:

E a matéria, entretanto, conserva sua natureza, empregando essa grandeza como um vestido com que se envolveu ao correr com a grandeza, quando ela a arrastava em sua corrida; mas se quem a vestiu retirar seu vestido, ela permanece novamente ela mesma, tal como era por si mesma ou tão grande quanto a fizer a forma pela presente (PLOTINO, III.6[26] 18,19-23, trad. BARACAT, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, o texto sobre a impassibilidade auxilia na elucidação de uma das questões suscitadas pelo II.4 *Sobre a Matéria*, na medida em que a matéria é conformada de maneira accidental, ela “assume” essa natureza do inteligível. É absolutamente central o legado deixado por este tratado no que concerne à concepção de matéria como receptáculo ou mais, precisamente, como espelho:

O tratado III 6 (26) examina extensamente o estatuto do múltiplo sensível, porém sob o ponto de vista original da tese da impassibilidade da matéria, não enunciada em qualquer outro tratado. A matéria é considerada como receptáculo das imagens das formas inteligíveis, mas, em razão de sua impassibilidade, jamais se deixa afetar por essas imagens e isso acarreta dificuldades para a determinação de sua condição ontológica. A nossa pesquisa indica que o tratado III 6 (26) busca demonstrar em toda a sua amplitude a precariedade ontológica das imagens sensíveis ou dos seres corpóreos, análogos em seu estatuto às imagens de um sonho ou projetadas em meios transparentes e impassíveis como a água, o espelho ou mesmo o vazio (OLIVEIRA, 2009, p.7).

Sendo igualmente relevante a apresentação oferecida por Plotino no último capítulo do tratado III.6, a qual compara a matéria a uma mãe:

Por isso, creio, os sábios de outrora, enigmando misteriosamente nos rituais, representam o velho Hermes sempre com o órgão da geração pronto para a atividade, mostrando que o gerador das coisas no sensível é a razão inteligível, enquanto que a infertilidade da matéria, que permanece sempre a mesma, foi mostrada através dos inférteis que vão ao seu redor. Pois, fazendo-a mãe de todas as coisas - e assim a designam por considerarem-na princípio na acepção de substrato [...] mas é fêmea na medida em que é receptiva e já não é nada medida em que não engendra, porque aquilo que andou até ela nem é fêmea nem é capaz de engendrar [...] (PLOTINO, III.6[26] 19, 25-35, trad. BARACAT, 2006).

A ilustração usada por Plotino pode provocar mal entendido no leitor extemporâneo. Tal pode acontecer devido à figura da maternidade nos remeter à capacidade de geração,



quando o que o filósofo quer explicitar é o sentido contrário. Nesse ponto, torna-se apreensível o fulcro da argumentação que leva Plotino a designar a matéria como mal. A natureza estéril, isto é, a incapacidade da matéria de gerar – em contrassenso a todo o processo emanativo principiado pelo Uno – a coloca como a instância metafísica mais afastada do bem, sendo-lhe ausente qualquer determinação e produtividade.

Como sintetiza Gerson (2018, p.305, tradução nossa): “a matéria, como a mãe, é apenas um receptáculo passivo da Forma. É semelhante aos eunucos de Cibele⁸ em sua impotência, ao passo que as formas são férteis como Hermes”⁹. Tendo em mente esse contexto literário precedente, pode-se dar sentido ao pressuposto de que a mãe é importante para a geração, mas como mera recebedora passiva, sendo Hermes o princípio ativo, o qual faz alusão ao papel metafísico desempenhado pelo inteligível.

Contudo, a perdurabilidade dessa associação da matéria com a forma é infinita porque infinitas são as roupagens que ela veste, se utilizarmos o vocabulário do capítulo dezoito. A bem da verdade, o conhecimento que se tem da matéria é em função da constante referência ao cosmos sensível do qual ela é um dos pré-requisitos fundamentais. Ou seja, em última análise, a matéria, como separada dos princípios formais que permitem a ela ser parte de um composto sensível, é efetivamente uma abstração, pois o tempo todo a experiência nos apresenta matéria e forma de forma conjugada.

À guisa de conclusão, o inteligível é impassível como o é a matéria. No entanto, ele é impassível por ser causa e não efeito, enquanto a matéria é impassível por não ser nem causa nem efeito, mas condição de instanciação dos corpos e sensíveis. Embora através dela o cosmos sensível seja viabilizado, ela não é a causa suficiente. O inteligível é ser por excelência e não é afetado pelos entes. A matéria é não-ser, isto é, está aquém do ser, portanto não pode se misturar fundamentalmente ao ser. Desta feita, ambos são impassíveis, mas por razões opostas. Ao passo que o vivente, isto é, os compostos sensíveis, são suscetíveis ao devir, sendo a passibilidade restrita a este âmbito.

⁸ BARACAT, 2006, p. 636: “Armstrong (1966-1988, vol. III, p.288, n.1) adverte que essa interpretação alegórica dos eunucos que rodeiam a Grande Mãe parece não ter paralelo, tendo provavelmente sido adaptada por Plotino à sua própria concepção de matéria estéril. Fleet (1995, pp.292-297) analisa com detalhes as possíveis referências mítico-religiosas e sugere que, em vez de Cibele, pode ser que Plotino tenha em mente Isis”.

⁹ “Matter, like a mother, is only a passive receptacle of form. It is like the eunuchs of Cybele in its impotence, whereas the forms are generative like Hermes”.



REFERÊNCIAS

BARACAT, José. **Plotino. Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino.** Tradução e notas. 700 f. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, 2006.

FERNANDES, Edrisi. A interação naturante entre o demiurgo e o mundo, a questão dos "dois tipos de matéria" e a natureza da "implantação" da alma no corpo. **Kriterion** (UFMG. Impresso), v. 51, p. 617-635, 2010.

GOMES, Rafael. **A alma e o cosmos: "O todo em tudo" (ὅνιο παληαρνῦ) na cosmologia plotiniana.** Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, 2019.217 f.

OLIVEIRA, P.C. **Imagens em Espelhos: o estatuto do múltiplo sensível em Plotino.** Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2009.

PLATÃO. **Timeu-Crítias.** Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: IUC, CECH, 2012.

PLOTINUS. **The Enneads.** Edited by Lloyd P. Gerson. Translated by George Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R. A. H. King, Andrew Smith and James Wilberding. Cambridge University Press, 2018, 931pp.

ROSSETTI, Livio. **Introdução à Filosofia Antiga: Premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho".** São Paulo: Paulus, 2006. 440p.

RUSSI, Chiara. Causality and Sensible Objects: A comparison between Plotinus and Proclus. In: **Physics and Philosophy of Nature in Greek Neoplatonism.** Edited By Chiaradonna & Trabattoni. Leiden: Brill, 2009.pp.145-171.

SILVA, R. B. B. A homologia entre o pensamento do Intelecto e os Inteligíveis: a abordagem de Plotino no tratado V.3[49] e um diálogo possível com Empédocles de agrigento. **KÍNESIS** (MARÍLIA), v. 12, p. 248-260, 2020.

SILVA, Robert Brenner Barreto da. A IMPASSIBILIDADE DA MATÉRIA NO TRATADO III.6 DE PLOTINO. p. 7-23.





SILVA, Robert Brenner Barreto da. A IMPASSIBILIDADE DA MATÉRIA NO TRATADO III.6 DE PLOTINO. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.17, N.1, 2020, p. 7-23.

Recebido: 07/2021

Aprovado: 08/2021

